VIDA VÃ – IV

Everton Bortotti

IV – Tudo muda

IV – Tudo muda

1

Naquele período, quando já estava no fim, lembrei do difícil e difícil por difícil foi difícil digerir, em seguida me veio à memória as acidentalidades e concluí que nelas entendi um pouco melhor possíveis opções ou falta delas rumo à busca delas, também concordei ter recebido algo especial por excelência capaz de exceder

classificações e de resto uma vez tendo sobrevivido considerei a salvação, não há que se negar que dali vieram outros períodos e entendendo que a diferença de tudo é o miolo do presente fica por perspectiva a súmula de toda temporalidade que é a mais evidente de todas e desimpede qualquer necessidade de pensar muito que é o destino único que guarda certeza e que se vê ocorrendo o tempo todo que é o final feliz que pertence ao caixão e, se da morte a gente sabe que é, ou deveria ser, o único poder que cala, o que vale é que enquanto se vive tanto silêncio quanto voz são direitos de iguais proporções, é o que é pelo que foi o que foi.

...Minha carreira de ator contava com algumas dificuldades para avanço, dentre elas a de ser localizado e como sempre ao fazer fichas na área teatral eu deixava telefone e endereço em branco sob alegação de "tramitando", assim só fazia fichas onde me davam o telefone para que eu ligasse em função de confirmar aprovação ou reprovação sendo que cada reprovação me deixava sem a necessidade de gerar expectativas relacionadas e assim a cada vez por exemplo que me sentava no muro frente à pensão buscava me sentir jeitoso em aprender algo com a contrariedade e reduzir os gastos de projetações futuras embora, como todas as fichas feitas resultaram em reprovação, as últimas projetações ficaram perdidas num sentido de isolamento, todavia ainda assim por vezes ali naquele muro eu tinha a impressão de estar esperando algo.

Contudo quando nos primeiros dias de janeiro certo final de tarde cheguei frente à pensão e fiquei sentado naquele muro esperando a fome apertar, depois já noite fui para dentro da casa atrás da janta e ao entrar na cozinha ali a dona da pensão conversava com seu filho, quando à mesa passei a comer ela às risadas começou a lhe contar que no meio daquela tarde uma "louca" havia batido palmas na frente da casa e ao atendê-la a "louca" que por sinal havia chegado num "táxi chique" disse estar procurando um ator e que, quando falou à "louca" que ali não havia gente "desse tipo" – ninguém ali sabia que eu era ator –, a "louca" tinha falado um nome o qual lhe serviu para garantir não haver ninguém ali com ele – ninguém ali sabia meu nome – de modo que isso encerrou a visita da "louca" que partiu no "táxi chique" e, conforme passou a falar da "louca" em termos de traços e modos, tive forte impressão de saber de quem se tratava e, se fosse, não seria exatamente quem eu gostaria de esperar fosse ali ou em qualquer lugar mas, numa vida de trancos e barrancos, era preciso considerar que um contato podia ser oportuno. Sem nada dizer para a dona da pensão e seu filho terminei de comer e fui deitar, dia seguinte fui num orelhão telefonar para aquela mansão no bairro Decanto.

Eu não lembrava de ter dado meu endereço para Letícia, contudo quando ela atendeu me disse que eu tinha lhe dado nunca ocasião em que estava bêbado e que de fato tinha estado na pensão me procurando, depois por hábito e necessidade vieram

seus desabafos sendo que no meio deles disse que sua relação com Diógenes tinha sido contraproducente e que, após o desligamento entre os dois, ele tivera montando seu espetáculo com um grupo da cidade-satélite onde morava de forma bem mais econômica tendo por resultado apenas rastros do projeto inicial com metade do texto cortado tanto quanto a maioria dos personagens e que, mesmo não tendo sido nenhum grande sucesso, segundo declarações de Diógenes aos jornais desta cidade ele se disse tanto "bem afeito e finalmente feliz" quanto "reformulado espiritualmente", e ela riu disso ironicamente. Eu não lembro qual era o título original do espetáculo de Diógenes mas ela disse que ele tivera o alterado para Renúncia Às Lágrimas e, para encerrar sobre isso, disse que ele tinha se tornado funcionário do departamento cultural da cidade-satélite onde morava e eu, ao ouvir isso, o invejei por não me sentir capaz da mesma coisa.

As minhas fichas telefônicas estavam se indo naquele telefonema e Letícia em mais desabafos também falou sobre o franco-sulino com quem era casada, lamentou que não podia lhe dar o filho que ele queria porquê havia feito uma cirurgia de retirada de ovário e nisso até pensei que talvez o fato de não poder ter filho a fizesse querer me tratar como um. Tem mulher que quer ser mãe de todo jeito e tem mulher para quem todo homem tem cara de filho que só acaba com sua morte ou, com sorte, com a idade; eu achava que uma hora isso iria acabar, eu cria.

Havia apenas mais umas três fichas telefônicas disponíveis quando ela começou a falar sobre o DA, documento profissionalizante feito através do ACTO; ela tinha pago um curso de anos para obter seu DA e me dizia que:

– Sei que você não tem DA, não tem condição de bancar escola nem currículo suficiente pra obtê-lo, não quer ficar relegado ao ínfimo diletante nem ser recriminado ou tratado feito larva que pertence a uma funesta casta subalterna, portanto precisa do DA e...

Tem gente que fala pela gente o que a gente nunca disse e ela estava falando demais sobre o óbvio – várias de minhas fichas como ator tinham sido reprovadas sob alegação de que eu não tinha DA. Daí finalmente ela disse:

– Propostaaaa!

Então me convidou para substituir um ator numa peça na qual atuava como atriz e produtora, falou que havendo nessa peça vários integrantes com DA isso supria o percentual necessário do elenco de acordo com cláusula do ACTO e que eu uma vez a integrando teria meu currículo aumentado para os propósitos profissionalizantes. Confirmei presença e desliguei antes que a última ficha telefônica esgotasse seu prazo, dali fui para a pensão e me sentei no muro frente a ela, fiquei pensando que Letícia talvez quisesse dar para mim já que puta também gosta de escolher e tem mãe que é puta, suavizando pensei que ela talvez nem quisesse dar para mim já que havia outros modos de alimentar sua afetividade de mulher ordinária e

fosse como fosse eu deveria manter um personagem diante dela na ânsia de ir adiante, seja como for nunca a comi.

Lembro que o inverno foi bem frio.

2

Com três pessoas tudo bem. O primeiro foi o ator Devair, ele tinha DA por currículo e era justamente quem fui substituir na peça, ele estava abandonando o grupo para voltar à sua cidade natal e numa única tarde me passou as marcações necessárias no teatro particular de Letícia, a peça se chamava Pulinhos De Dor e apresentava-se com o objetivo de apoiar campanhas de desarmamento, me explicou Devair que a base da coisa era um tal de *teatro missionista*; depois enquanto esperávamos dar hora para ele dirigir-se ao aeroporto de onde pegaria o avião ficamos tomando algumas cervejas no boteco da esquina e ao lhe dizer que eu escrevia algumas anotações eventuais ele falou que também o fazia, me recitou trechos seus e me identifiquei, ele tinha raciocínio criativo. Autodidata tinha sido na adolescência influenciado pela obra de um filósofo europeu que quase o pirou, depois superou e formou bagagem de bom ladino.

Assim sua partida foi no mesmo dia que nos conhecemos e quando nos despedimos Devair falou que dentro de todo o elenco havia dois atores com quem se identificava; um deles era Lupion que eu desconhecia, formado como ator no extremo-sul e com DA de lá, o outro era Fabrício que eu já conhecia, sobrinho de Letícia, obteve DA com anos de escolas pagas, era metropolista da gema.

Já do resto Devair nem quis falar, comentou que não valia a pena e eu pensei que, se ele tinha estado ali, porquê também não eu? Ele me passou seu telefone e disse que qualquer dia a gente conversava de novo, e eu disse: a gente vai conversar de novo.

Após a partida de Devair foram poucos dias para decorar o papel e fazer os ensaios antes das apresentações da peça Pulinhos De Dor, ensaios feitos no *teatro Letícia* conforme a própria Letícia nominara seu teatro particular, assim lá eu estava às voltas com um espaço que eu conhecia mais que qualquer outro e dali ainda dava para ir até a cozinha dos fundos da casa para comer, seu cachorro estava mais velho e sua empregada bem como a cozinheira eram as mesmas, igualmente a turma de Letícia e as reuniões eram as mesmas e idem para minhas visitas à adega da casa.

Entre vinhos tomados por uma questão de consciência resolvi alertar Letícia de que o espaço precisava de um pára-raios no que ela, dado suas atuais relações com o teatro missionista, disse que havia proteção espiritual ali e que nenhum raio cairia mas, dias depois, para desencargo de

consciência veio me pedir para instalar um pára-raios que havia comprado e que instalei e claro que, mesmo com ela me dizendo que iria me pagar, nem dei valor a isso, sabia que era só mania dela.

Fabrício sofria com aquela mulher, isso estava piorando demais. Ele morava na casa do casal formado por Letícia e do franco-sulino de quem era braço direito e via como a um pai-amigo. Aquele velho franco-sulino já tinha morado na rua e sendo grande argumentador de várias esferas contudo atuava como administrador numa grande empresa, Fabrício dizia que Letícia o fazia infeliz e que o velho vivia dando umas lições nela como das vezes que ela já mulher feita ia para as noites de adolescentes com roupas pré-adolescentes e das decepções do velho sobre a turma de gente igual a ela com quem se reunia para fazer o mau feito em busca de um prazer sem gosto. Aquele franco-sulino se preciso falava na cara dela e na frente de todo mundo, mas não era capaz de a segurar porquê a mulher tinha instintos em forma de planos que, se não ocorriam todos os dias, acumulavam-se para qualquer momento.

Assim enquanto eu e Lupion íamos desenvolvendo alguma amizade já com Fabrício por termos um passado de convivência tínhamos mais elementos a nos unir, ele sabia que Letícia tinha se casado por interesse com o velho franco-sulino e em nossas conversas ele falava de sua aversão por Letícia que também envolvia, em termos do trabalho cênico, o que chamou de “falta de estilo” e, quando eu lhe perguntei se porventura

não seria “falta de estilo” mera “falta de criatividade” ele, até rindo, garantiu que pessoalmente não tinha nenhuma criatividade contudo tinha estilo, e eu nada disse mas para mim ele tinha os dois embora aplicasse quase toda criatividade no estilo, a cada conversa que eu tinha com ele percebia que poderíamos nos estender até não acabar mais sem que nós dois jamais nos estranhássemos e frequentemente um de nós dois encerrava nesse entendimento: nunca acaba.

Na sintonia entre eu e Fabrício por vezes saíamos em seu carro, eu curtia sua direção pelas ruas e por vezes ele parava em praças para pitar veg que ele gostava, eu lhe assistia. Para Letícia além de sobrinho ele era office-boy e substituto de atores que costumavam debandar de seus projetos, ela sempre o usara como estepe e também quando estava necessitada de humilhar alguém urgentemente tendo somente ele ao alcance, ele a acatava a contragosto e a conhecia o suficiente, tinha todo direito de odiá-la para sempre.

3

Contudo infra-estrutura não significa público e após a estréia o teatro Letícia era basicamente um monumento em pé e quase vazio, de tudo que eles ali tinham feito para promover o

espetáculo mas só tiveram por retorno um parco e previsível público de colegas coisa que não estava a contento de Letícia e, duas semanas depois, simplesmente antecipou o final da temporada a encerrando em uma semana para na semana seguinte nos colocar numa temporada num teatro missionista da região boêmia do bairro Ziendakoviski, de fato ali houve um pouco mais de público com desconhecidos missionistas; aquele teatro missionista já tivera inúmeras nominações e inclusive na época da ditadura foi um teatro de revolucionários muitos tendo ali sido presos e levados para a tortura, agora os atuais donos eram líderes missionistas inclusive ampliando-se no exterior e, se nem Letícia nem aquela turma que a rodeava frequentava qualquer igreja, no caso do diretor que haviam contratado este pertencia a uma igreja embora não a mesma dos donos sendo a sua inclusive bastante reacionária tanto quanto ele que fez questão de alterar e acrescer trechos no Pulinhos De Dor no sentido de, para além da proposta de desarmamento, defender ferrenhamente embora dissimuladamente a censura mesmo que se apresentando num teatro com aquele histórico de luta pela liberdade de expressão. Fabrício dizia que quanto melhores são os ideais mais estupidez se precisa para destruí-los.

Durante o período de apresentações no teatro missionista ali eu fazia de tudo sem lucros, de contra-regra e montagens de cenários e checapes na rede elétrica além de interpretar um personagem. Não sou alguém que respira teatro no sentido físico

nem preciso dele de forma irredutível, mas gosto quando estou num deles e me entrego, e nos momentos em que estava ali sozinho era um espaço de teatro em si que tinha sua história, eu a sentia.

Claro que a chegada dos humanos pode pesar, e aqueles do elenco discutiam todas as noites decepções com a presença de um público ínfimo mesmo que bancassem um cenário sobrefaturado e figurinos importados, camareiras para lhes atenderem e esteticistas para fazerem suas maquiagens. Incriminavam a imprensa e culpavam uns aos outros embora por vezes festejavam como foi o caso da presença de um destacado crítico teatral na platéia cuja apresentação aliás devido à ansiedade de alguns encerrou-se meia hora antes do previsto quando então não o deixaram escapar e tão logo receberam os aplausos correram para lhe alcançar na saída e perguntar o que ele havia achado da apresentação sem a menor cerimônia, no que foram respondidos: “Vocês vão explodir.”

Só se fosse pelos ares. Nunca saiu crítica alguma em jornal nenhum. A respeito disso Fabrício se divertia quando saía comigo: “Viu a felicidade geral? Existe crítico de peças gospeis? Se deus quiser não existe.” Fabrício era bom ator e Letícia exercia certa tirania sobre ele, ela tinha direitos de herança e ele dependia dela. Aquela gente comprou jornais demais por tantos dias esperando uma crítica que nunca saiu e ele dizia que “tudo que os caras publicam deles é no espaço pago.”

Letícia e sua turma convocavam reuniões por conta disso e nos arroubos de crises por vezes suas discussões culminavam em mim se eu fosse o pivô de suas controvérsias, eu tinha de comer os lanches que eles dispensavam lhes ouvindo. Particularmente Letícia me tratava feito filho pródigo e, sendo o lanche dela feito numa confeitaria e tanto, eu tinha de pagar o preço.

Além do mais eu também levava um bom embrulho alimentício na minha mochila após as apresentações, saía catando tudo o que eles deixavam no camarim desde lanches pela metade a inteiros e docinhos para encerrar, nisso as camareiras me lançavam olhares estranhos e ainda por cima fizeram a maior divulgação de um apelido que surgiu a meu respeito em substituição ao "Autista" – eu era agora o "Famélico" –, ficavam me chamando de "Famélico" e diziam na minha frente que "o apelido pegou geral". A cada vez que eu tirava um cochilo naquele teatro e sobretudo antes das apresentações ouvia por detrás do sono leve que "o Famélico está dormindo" e o próprio diretor do teatro já me chamava de Famélico, nem lembro o nome desse cara.

Os lanches que eu levava os comia a caminho da pensão porquê fome é fome e lá podiam comer até minha mão junta se vissem aquela beleza de lanches, eram lanches enfeitados mesmo quando comidos pela metade e eu os devorava sentado na pracinha próxima, os docinhos deixava por último. É preciso tomar cuidado com a fome alheia contudo meus parceiros da pensão

acabavam lucrando porquê eu lhes dava minha marmita da janta, remanejamento de recursos.

Contudo os lanches do pessoal do teatro não eram unicamente destinados à mim e eu os dividia com o próprio Lupion que vivia em situação talvez mais precária que eu. Ele dormia no teatro e se eu tinha por premissa a marmita da pensão ele dependia inteiramente daqueles lanches já que a parca renda da bilheteria era destinada a inteirar o aluguel do teatro.

"Famélico" isso..., "Famélico" aquilo... Quando descobri quem me dera o apelido para mim ele perdeu toda graça, tinha sido aquele déficit de gente ainda mais difícil de engolir que Letícia, era Bruninha-sem-bunda que continuava grudada em Letícia, Bruninha que junto a Letícia me dera calotes por meu serviço de eletricista e ainda por cima tinha me privado da minha 120 MINUTOS ESPECIAL, Bruninha que além de atriz também continuava produtora junto a Letícia, e eu queria que ela pagasse.

Eu e Lupion de tudo fazíamos ali dentro, de afinar iluminação a montar e desmontar cenário toda semana já que havia outra peça noutros dias, a gente ajeitava aquilo ali com certa vergonha de fazer teatro missionista todavia nossa relação com o espaço ia além disso. O pessoal do elenco às vezes aparecia fora dos horários programados antes das apresentações para tentar melhorar uma ou outra cena do espetáculo e mais especificamente Letícia e Bruninha embora no caso delas certa vez

foi especialmente por outra cena que fariam fora dali.

Engraçado, elas tinham vergonha do Lupion. Elas pediam para ele buscar algo, um lanche ou um cartaz, e ele também tinha estômago. Daquela vez quando elas ficaram a sós comigo disseram que queriam integrar o grupo do Deus do Charuto e fizeram confissões sobre as tantas reprovações que já tinham sofrido em testes no Cafeteria, para compensar falaram sobre as tantas reprovações que vários dali tinham sofrido no Cafeteria à exceção por exemplo de Fabrício e Lupion que nunca fizeram o teste, foi com tamanha ansiedade que me falaram do Cafeteria que eu podia jurar que Letícia foi me procurar na pensão especialmente por isso e, de fato, ela me confessou que havia "descoberto" que eu tivera pertencido ao Cafeteria através de Bruninha que, ao seu lado, embora tenha sorrido em concordância era mentirosa, Letícia pode ter sabido com qualquer um da área e seu tom era de cobrança por ter me trazido ali, pelo jeito lhes significava que de algum modo eu tinha alguma chave para entrar no Cafeteria e queriam que eu lhes ajudasse me servindo para elas como réplica das cenas-testes. Toda maldição começa quando um demônio ama um ponto de interrogação.

Só pude evidentemente aceitar sua imposição embora com isso eu pensava que teria algo a meu favor e precisava de coisas a meu favor, tinha planos de seguir em frente e elas tinham poderes suficientes para me ajudar. A interrogação

fica burra diante do demônio e isso também não ajuda o demônio.

Fizemos ensaios secretos no teatro Letícia ocasiões em que pedi a Lupion para se ausentar, como réplica li o texto friamente e lhes dei toques sem quaisquer interrogações embora ao final de cada ensaio havia uma multiplicação imensa de interrogações nos olhos delas, em seu amor já podiam me odiar com uma dimensão bem mais profunda contudo achei que ao menos não passariam vexame.

Embora no dia do teste já antes mesmo de entrar em cena elas foram segundo a segundo se apagando conforme esperavam sua vez, e quando foram chamadas e subiram ao palco só fizeram basicamente nada.

Todo demônio que veste a roupa errada põe a culpa nos outros e elas desceram do palco sentindo-se derrotadas com olhos já me condenando, não adiantaria lhes dizer que tinham é subido sentindo-se derrotadas e após a confirmação de suas reprovações conforme íamos saindo do prédio do Cafeteria, ainda por cima, cruzamos com o Deus do Charuto que me perguntou se eu queria fazer o teste de ator. Eu fui naquela porcaria de teste para não ficar mal com elas e no final das contas foi exatamente isso que aconteceu, demônio por demônio se o Deus do Charuto queria que eu entrasse no seu grupo novamente isso nunca iria ocorrer e quando ignorei sua pergunta ainda o ouvi dizer rabugento: “Não quer virar ator comigo? Vai

virar com quem? Vai mascar capim pro resto da vida?”

Cheguei a pensar que um grande erro de minha vida foi bater nos caras errados e que o mundo é injusto porquê muita gente que merece apanhar nunca apanha de verdade, mas em seguida deixei essa idéia de lado em respeito a quase todos nós. O Deus do Charuto queria um demônio mascando capim, isso é chato.

Depois desse teste Letícia e Bruninha quase não se continham e devem ter se encontrado melhor com seus demônios. Mas o problema não é o encontro, é a estadia. Aposto que se elas se tivessem passado no teste do Cafeteria teriam cancelado a temporada do teatro missionista. Meio lanche valia mais que as duas juntas e uma vez tendo se aprofundado um pouco mais em seus sentimentos por mim também certa admiração encontraram, porquê até o ódio é capaz de admirar.

4

Para continuar a temporada de Pulinhos De Dor vendi espaço publicitário nos cartazes e nas filipetas a patrocinadores envolvidos com questões relativas aos missionistas, sendo a mensalidade da pensão na vila Egressa uma urna fechada não haveria de se interessar sobre de onde vinha o voto,

contudo eu estava muito pouco dormindo nela já que andava dormindo em qualquer canto do teatro. A primeira coisa do demônio é a burrice com a qual faz seu destino, por vezes acerta em alguma coisa.

Quando eu acordava no teatro Lupion geralmente já tinha acordado, nós cuidávamos do ambiente e fazíamos reparos, ele me estimulava a sair da pensão dizendo que ela me absorvia demais feito corda que não podia ser mais esticada sob o risco de romper e eu lhe dizia que para mim ela era o desespero de um demônio que chegara ao máximo de tensão, de fato nem era questão de decidir mas de ser expelido e assim revigorado a decisão inadiável gerou minha mudança com uma mochila nas costas e um rádio toca-fitas embrulhado debaixo do braço, um ônibus e um metrô até o teatro. A redenção do demônio sempre será a partida e nunca mais vi aquela gente da pensão depois que a deixei mas de tanta impressão negra que lá tive com tantos animais selvagens parecidos com humanos eu sabia que coisas límpidas também tinham ficado, particularmente se a dona da pensão tinha de fazer tanto com tão pouco e seu filho se preciso rolar no chão com peões embriagados ambos também se divertiam com coisas bizarras que lá ocorria, quando deixei a pensão eles não me viram mas certamente saberiam ao conferir que eu tinha levado minhas coisas, anos depois quando passei ali em frente conferi que o local virou funilaria nas mãos do filho dela, não a vi.

Morando dentro do próprio teatro redobrei forças e trabalhei continuamente dentro e fora dele pela peça. Para um cara meio burro até que estava bom, já até pensava em entrar num acordo com os donos do local para tomar conta do espaço, eu tinha o demônio e eles precisavam de mais parceiros ao seu missionismo e, quanto à mentir, isso era apenas diferenças de detalhes entre nós.

Mas o problema é que demônio quando é burro demais acaba sendo traído pela força dos instintos, daí a carne sofre o problema no qual tudo que é divino quer disputar, e a Suelen sabia disso.

A Suelen era uma atriz daquela peça e fazia a personagem de uma gostosa, sendo gostosa não precisava nem fazer força.

5

Suelen era prima de Bruninha, embora fisicamente oposta à tábua da Bruninha era cheia de curvas delirantes. Vinha do teatro pornô e seu grande sonho era posar nua para uma grande revista masculina, tinha sido convencida por Bruninha a fazer teatro missionista como uma forma de causar polêmica e chamar a atenção justamente de revistas masculinas.

Suelen se apresentava particularmente indecifrável e socialmente ambígua, para mim ela

podia sonhar o que bem entendesse e ser metida o quanto fosse que nada ia mudar em relação ao que eu sentia por ela e em particular por seu sexo latente. Ela gostava de aprovação ao trocar de roupa.

Quando estávamos a sós no camarim fosse antes ou depois e sobretudo durante as apresentações de Pulinhos De Dor ela esboçava algum interesse por mim coisa que vinha de seus olhos e de tudo o mais, mas quando havia alguém no camarim ou fora dele Suelen não me dava atenção alguma e seus olhos pareciam nem me reconhecer, pareciam olhos sempre obedecendo sua cabeça que só pensava em fotógrafos de revistas masculinas o que aliás talvez fosse seu maior direito em vida, e se ela gostava de me provocar no privado devia ser só para ter certeza de que estava tudo em forma com seu corpo e maiormente na animalesca circunferência central dele sem nenhuma possibilidade de redenção e, quando ela ficava de costas para mim sem nem olhar para trás, nós dois sabíamos que demônio também tem direito de ver.

Na coxia ela vivia roçando e trombando comigo no escuro e a partir de certo momento honestamente a mão boba dela era bem maior que a minha que inicialmente só tocava em mim mesmo embora, na concorrência dos instintos, logo minha mão tomou dianteira e enquanto a dela agia por mero exercício de provocação como quem não quer nada a minha mesmo boba era um pouco mais severa bem como o resto do corpo. Eu alisava seus

seios e ela no meu ouvido: “Tudo bem, Famélico, acontece.” E eu tinha de preparar máquina de fumaça num canto e, se ela queria ajudar, sobrava uma mão em mim que descuidada ia na sua coxa se aproximando pela pélvis e Suelen: “Famélicoaa”, sempre falando tão cochichado no ouvido que só faltava voar lá dentro. Mas a Suelen não dava para mim, só queria provocar. “Como é que é, Suelen?”, “Famélicoaa”.

Naquele dia uma meia hora antes do apresentação saí do teatro rumo à esquina para tomar café, na frente do teatro reparei que já havia fila e inclusive alguns com ramalhetes de flor e uma faixa “fã da Suelen”, quando voltei do café a fila já estava maior e havia mais ramalhetes de flor com a faixa “fã da Suelen”, até conversei com um desses fãs cujo diferencial na faixa era “fãnzão da Suelen” e ele me pediu para eu lhe ajudar a se aproximar da Suelen, lhe falei que eu também tinha esse propósito e que, se eu conseguisse, lhe daria a dica de como o fazer.

Uma vez dentro do teatro a apresentação iniciou-se e no camarim lá estávamos eu e a Suelen num momento a sós esperando cada qual a vez de entrar em cena, então Suelen chega para mim dengosa, se vira de costas e me diz:

– Abotoa o vestido pra mim, Famélico?

Tirei seus cabelos das costas e joguei para frente, vi o pólo gerador de tanta libido pelas suas partes dorsais que estavam a serviço de sua cabeça que estava a serviço de conseguir atenção dos fotógrafos de revistas masculinas. Com aquele

vestido aberto só mais um pouco e eu teria a visão total da sua provocante e confirmadamente bunda de primeira grandeza e quase sem me dar conta coloquei as mãos em seus quadris sentindo as curvas no que ela ficou impassível com suas ancas cochichando qualquer coisa ao meu corpo, desci um pouco mais e ela continuou firme sem nenhum movimento e fui com mão para a frente dela, apalpei até o umbigo e dali fui descendo até a vulva cálida e confortável, ela passou a gemer e permitir, a coisa evoluiu rápido.

Sem adendos e com algumas eternidades de celibato forçado minha cabeça estava inteiramente ocupada com a parte central de Suelen que por vezes dizia um "não" que me soava como um "sim".

– Não... Famélicoaa... Ssss...

Minhas calças se arriaram até o chão como se tivessem vontade própria, já seu vestido eu puxava querendo arrancar tudo, quando sua bunda saltou plena para fora ela me alertou:

– Tua vez de entraaaar! Tua ceeenaaa!

Foi a música tocando que me abriu os olhos, era minha vez de entrar em cena e não em outra coisa, corri rumo a coxia vestindo as calças e entrei no palco com tudo, eram momentos derradeiros próximo ao final da peça sendo esta minha última entrada em cena.

Lá estavam vários atores ao fundo do palco pendurados e amarrados e em posição de estátua, um ator sentado numa cadeira à frente para onde eu devia ir – por sinal era exatamente o Lupion.

Nessa cena meu personagem chegava com uma medalha de guerra ganhada nem lembro se por mérito acidental ou desiderato, os outros personagens já haviam explicado a medalha à qual meu personagem entregaria a seu pai interpretado por Lupion, depois meu personagem saía de cena; e assim que cheguei frente a Lupion vi seus olhos arregalados, por instinto olhei para baixo e minha calça, larga e fina, estava levantada até o seu rosto. Deixei a medalha em suas mãos e com o mastro empinado saí de cena, fiquei ali num escuro da coxia esperando a situação se normalizar e longe da Suelen.

No final da peça ninguém do elenco falou algo mas o diretor veio ao camarim incontrolável:

– Justo no ÁPICE! Justo! Eu, até ventosidade perdôo! Mas *isso*?! Você ofendeu a *artéria da arte*! Você! Justa causa!

Fui substituído naquela mesma noite e saí dali pensando: vi Letícia balançar a cabeça para o diretor antes da expulsão, ela deu a ordem final.

6

Se a gente fica ansioso quer comer, se a gente está na rua quer comer, quando a gente sofre um golpe fica atordoado quer comer, talvez seja assim. Eu tinha acabado de ser expulso de um

teatro e algumas quadras abaixo dele me deparei com um coquetel ocorrendo em outro teatro, entendi que como ator eu tinha direito a um coquetel pelo estômago de um ator.

Já beber é questão de vida ou morte. Mas se a gente se deixa levar pelos humores afeta outros humores. O meu estava afetado e embriagado aumentou.

Cerca de meia garrafa de vinho depois frente a uma mesinha fornida de salgadinhos começo a falar com o garçom um assunto totalmente desnecessário e duvido que ele estava me ouvindo, devo ter tomado uns dois copos nessa base e fui bem desnecessário ao dizer sobre obstáculos e desilusões de ator e, também falando um pouco mal demais do teatro missionário, e um pouco demasiado alto, de repente surgiu um fulano de barbicha se encrespando comigo, até xingamento ele me ofereceu e nem sei se era missionário, iracundo e xiita estava irreprimível:

– QUEM é você! EU OUVI! Mostra o DA!

Ali pelo pé da goela dele não vi santo algum.

– Desculp..

– Mostra o DA!

Obstinado o da barbicha me escrachava. Tentei:

– Sou eletricista.

– BICÃO! Está aqui fazendo *gênero*! Ser *fashion* não é pra qualquer um!

Não tinha nenhuma eleição se aproximando e quanto ao gênero também não era da minha conta